

Aimé Césaire e o colonialismo capitalista

por Duarte Pereira

A editora catarinense Letras Contemporâneas acaba de publicar o ensaio do poeta, historiador e militante antilhano negro AIMÉ CÉSAIRE, *Discurso sobre o colonialismo*, em tradução do professor Anísio Garcez Homem e com apresentação do advogado paranaense Cláudio Antonio Ribeiro.

Escrito na primeira década posterior à Segunda Guerra Mundial, quando se intensificava a luta pela emancipação das colônias européias na Ásia, na África, no Oriente Médio e nas Antilhas, o ensaio poderia parecer desatualizado. Com a vitória da maioria dessas lutas emancipadoras, a dominação colonial e direta deixou de ser a principal forma de opressão nacional, embora ainda persista até mesmo em nossa fronteira amazônica com a permanência da Guiana Francesa, ou na proximidade marítima da Argentina com a ocupação das Ilhas Malvinas reafirmada pela Grã-Bretanha. É indiscutível, porém, que a opressão imperialista assumiu novas configurações nas últimas décadas do século XX, privilegiando formas dissimuladas de domínio indireto, através da dependência econômica e financeira, das pressões diplomáticas e militares, da invasão cultural e tecnológica e da aliança com frações das classes dominantes locais.

Apesar dessa mudança na forma principal da dominação imperialista, com o trânsito do colonialismo para o neocolonialismo, a denúncia erudita e indignada de Aimé Césaire, lida com a atenção que merece, conserva sua terrível atualidade. Oferece, inclusive, uma perspectiva iluminadora para a compreensão de tragédias recentes, como as invasões do Iraque e do Afeganistão, a nova cruzada contra as nações árabes e islâmicas, ou a ocupação e devastação do Haiti – neste caso com a participação brasileira. A argumentação de Aimé Césaire resistiu ao transcurso dos anos por causa da perspectiva histórica e abrangente adotada por ele e exposta já nos primeiros parágrafos de seu ensaio:

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu funcionamento é uma civilização decadente. (...) O fato é que a civilização chamada 'européia', a civilização 'occidental', é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial.

Um dos méritos de Aimé Césaire é que ele não se limita a recordar os métodos violentos, a espoliação material ou a devastação cultural efetivados pelo transbordamento colonial das grandes potências europeias, a que se seguiu no século XX gradativamente, como indica ele com clarividência, a expansão neocolonial e concorrente dos Estados Unidos. Aimé Césaire vai além e desencava citações chocantes e surpreendentes de líderes políticos e militares, de missionários cristãos e de cientistas e escritores ocidentais, que tentaram justificar a colonização pela suposta existência de raças superiores e inferiores e por uma imaginária missão civilizadora atribuída pela história à raça branca superior.

Aimé Césaire refuta essas alegações tendenciosas e insustentáveis e evidencia que, ao contrário, a colonização tem "descivilizado" as potências capitalistas dominantes, contaminado-as com os métodos truculentos e a insensibilidade moral empregados na conquista e na administração dos territórios e povos subjugados. Como verbera: "A Europa

colonizadora enxertou o abuso moderno na antiga injustiça; o odioso racismo na velha desigualdade." São pedagógicas as aproximações que estabelece entre as práticas europeias nas "atrasadas" colônias e as práticas de Hitler na "civilizada" Europa. Hoje, poderia fazer analogias semelhantes entre a atuação dos "democráticos" Estados Unidos e de seus aliados no Iraque, no Afeganistão, no Haiti ou em Guantánamo e as regressões que se observam na vida política interna das potências ocidentais.

Aimé Césaire nasceu em 1913 na ilha da Martinica, colonizada pela França, e nela faleceu em 2008, com a Martinica ainda mantida como um Departamento Ultramarino da França nas Pequenas Antilhas. Além da militância política, realizou investigações historiográficas e redigiu ensaios, peças de teatro e, influenciado pelo surrealismo, poemas muito valorizados pelos surrealistas franceses André Breton e Benjamin Péret. A editora Letras Contemporâneas, que já publicou uma coletânea dos principais poemas de Aimé Césaire, está preparando uma tradução integral de um de seus livros de poemas mais apreciado, *Cahier d'un retour au pays natal* (Caderno de um retorno à terra natal). Criador do polêmico conceito de "negritude", juntamente com o senegalês Léopold Senghor, o inventivo martiniquenho ostenta em sua obra, com orgulho, as marcas de reelaboradas heranças culturais africanas.

O advogado Cláudio Antonio Ribeiro, que prefacia a edição brasileira do ensaio sobre o colonialismo, atuou no movimento sindical bancário, militou na Ação Popular e foi preso e cruelmente torturado pelos esbirros da última ditadura tecnocrático-militar brasileira. Hoje é um advogado trabalhista combativo na circunscrição do Paraná e de Santa Catarina. Em visita à Martinica, teve a oportunidade de conhecer Aimé Césaire, já envelhecido e alquebrado, e prometeu que ajudaria a publicar seu ensaio no Brasil, promessa agora cumprida. Na apresentação, Cláudio compara, com procedência, a importância do *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire à do famoso libelo de Émile Zola, *Eu acuso*, a propósito do caso Dreyfus no final do século XIX. São textos indeléveis que nenhum militante socialista e internacionalista deveria ignorar, nem ninguém com inteligência democrática suficiente para apreciar a grandeza e a atualidade de seus argumentos.